



12º Simpósio de Ensino de Graduação

ACAMPAMENTO NELSON MANDELA E A HUMANIZAÇÃO ATRAVÉS DO JORNALISMO

Autor(es)

BRUNA CAROLINE PIRES

Orientador(es)

PAULO ROBERTO BOTÃO

Resumo Simplificado

A habitação tem sido um problema recorrente em cidades com um número grande de habitantes. Tomando por exemplo Piracicaba, uma cidade com cerca de 360 mil habitantes, o município já apresenta diversos problemas nesse quesito, somando favelas, invasões, dentre outros. Com espaço reduzido, é natural que a parte rural da cidade também seja afetada, já que a terra disponível está concentrada nas mãos de poucos e é ocupada em grande medida por plantações de cana-de-açúcar. É partindo deste ponto central que os membros do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) se apoiam e definem estratégias de luta pela reforma agrária e neste contexto é que nasceu em Piracicaba o acampamento de sem terra Nelson Mandela, uma ocupação liderada pelo MST que já foi transferida de diversas áreas rurais da cidade. Mostrar a realidade vivida neste espaço, dividido por dezenas de famílias, foi o propósito da reportagem “Insegurança e esperança no Nelson Mandela”, produzida durante a disciplina Jornalismo Impresso I – Jornal, no 5º semestre do curso de Jornalismo, para publicação no jornal laboratório Jornal de Classe. Na época da reportagem, os membros do acampamento Nelson Mandela estavam abrigados num terreno no bairro Monte Branco, em Piracicaba, em fazenda que pertence à família de um vereador da cidade. São mais de 40 famílias (51 na semana da apuração das informações), muitas delas acompanhando o MST há mais de 20 anos e outras que abandonaram a vida na cidade por não conseguirem emprego e não poderem manter-se. O objetivo da reportagem foi justamente mostrar quem são as pessoas que vivem no acampamento, na perspectiva da humanização do debate sobre o tema, tendo em vista que o noticiário predominante dos meios de comunicação raramente aborda o cotidiano, as dificuldades e peculiaridades de quem vive a realidade do movimento sem terra. A reportagem buscou compreender cada personagem como um ser humano único, respeitando sua história, entrando em sua casa, conhecendo seus anseios e participando de sua esperança. Os membros do acampamento aceitaram participar e se viram diante de uma oportunidade para serem ouvidos. Durante dois dias, um sábado e um domingo a reporter visitou o acampamento. Conversou primeiro com guias e o chefe do acampamento e depois entrou em contato com as famílias acampadas. Colher depoimentos e conversar com os moradores foi emocionante, porque ajudou a revelar um ambiente novo e bastante injusto. As fotos tiradas, todas autorizadas, buscaram compreender a simplicidade das habitações e famílias, porém, tentando traduzir o que cada objeto e expressão queriam demonstrar. Pode-se afirmar que a reportagem contribuiu para a desmistificação dos acampamentos sem terra. A imagem que a grande imprensa tende a passar do MST é errônea e depreciativa, e este trabalho buscou a compreensão dos anseios dos acampados e suas realidades. Com a visita e entrevistas foi possível ver que os acampados são pessoas em busca de uma vida melhor porém, numa alternativa diferente do que se acompanha hoje em dia: eles preferem o campo. Abordar a questão da reforma agrária junto à realidade dessas pessoas demonstra que o Brasil vive um sério problema na divisão de território e que a ausência de políticas ativas do poder público pode agravar os conflitos.